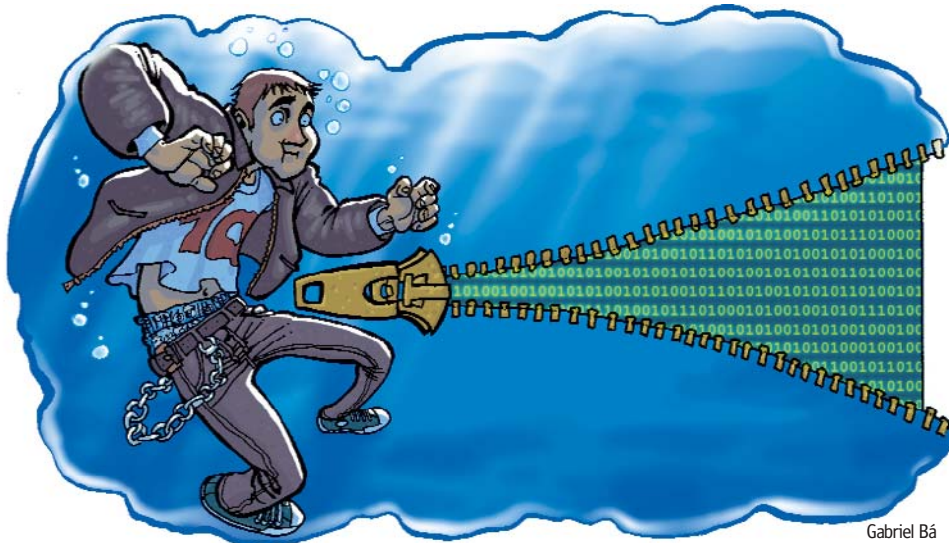




Quem vê interface não vê kernel



Gabriel Bá

Eu vi o futuro, e ele começa com X. Em abril, com a simples desculpa de capturar telas para uma matéria desta revista, instalei o Mac OS X no meu computador de trabalho, um G4 Dual, e me desafiei a trabalhar *somente* no X. Decisão precoce, já que meus programas favoritos (Photoshop e Quark) ainda não têm versão nativa e dão paus frequentes no ambiente Classic. Mas já uso uma boa quantidade de aplicativos nativos no X. Enquanto instalava o X, repassei algumas reminiscências. Há três anos, estudei um manual de Unix para usar o Linux no meu velho PC. Não usei e esqueci tudo. Há dois anos, estudei novamente o Unix para me preparar para o que caísse na mão antes: o Mac OS X Server (Rhapsody) ou um Red Hat. Novamente, não rolou. Agora, estou usando um Unix, o rei dos sistemas operacionais, sem ter folheado um manual sequer, e sem a obrigação de observar as mensagens do console ou digitar passes mágicos no Terminal. De quebra, os outros sistemas ficaram parecendo pré-históricos frente ao *visual* do Mac OS X.

Por baixo de tudo encontra-se o Mach/BSD, um Unix puro, velho conhecido dos hackers. A novidade é a interface. Mesmo com todo o esforço e o *hype* dos desenvolvedores que buscam tornar alguns Unixes confortáveis para workstations, você nunca viu neles algo com uma fração da sofisticação do Aqua, a interface do Mac OS X. É um enxerto do Macintosh

tradicional, tornando o sistema inteligível para o mortal comum. Essa personalidade dupla dá ao Mac OS X superpoderes nunca vistos nos outros Unixes. Controles tipográficos, ícones, multimídia e outras coisas nele não têm equivalente em *nenhum* outro sistema operacional. E as ferramentas avançadas – Apache, SSH, perl, PHP, Java e muito mais – também estão todas lá, prontinhas para usar.

Por ser uma obra ainda em execução, o Mac OS X é como uma casa nova de arquitetura chique, com um jardim maravilhoso, mas a sala de estar não tem piso e a cozinha só tem uma bacia no lugar da pia. Você fica improvisando para compensar as ausências ou passa algumas noites na casa velha (voltar ao sistema clássico só para poder queimar um CD). Mas o X é uma mansão de arquitetura contemporânea e fundações sólidas, sem aqueles tradicionais buracos estrategicamente distribuídos pelos cômodos para quebrar a perna das visitas (os travamentos e bombas no Mac OS clássico). Mesmo conhecendo todas as circunstâncias momentâneas, tem muita gente gritando que o X está na direção errada, pintando a caveira antes mesmo de vê-lo funcionando. Só porque a interface é diferente. Aí entra o meu ditado: “quem vê interface não vê kernel”. Porque, em troca das omissões na interface, que *podem* ser resolvidas pela própria Apple ou por sharewares bem bolados, o Mac OS X ganha uma solidez que permite arriscar vôos a alturas que

o Mac clássico não poderia sonhar. Imagine um G4 futuro com quatro, oito, 16 ou 32 processadores, atingindo velocidades inconcebíveis. Macs que não precisam ser desligados jamais e se auto-consertam em caso de paus. Macs invadindo a praia dos mega-servidores de Web. Macs rodando Maya e pondo as estações de 3D da Sun no chinelo. Tudo isso é possível com o Mac OS X. Prestes a fazer 18 anos, depois de uma infância brilhante e uma puberdade conturbada, o Mac está saindo da adolescência. E as diferenças na interface não são nada daquele horror que pintam. Há coisas que são *melhores* e até *mais simples* que no OS 9. A ágil navegação do Finder por colunas com *preview* dos arquivos. O fato de os programas voltarem a ser representados por ícones únicos, como eram na infância do Mac, e não mais por zilhões de arquivinhos espalhados para todo lado. O Dock, que após vencido um preconceito inicial é mais cômodo de usar do que jamais o foram o Launcher ou o Apple Menu. O fim das extensões. O fim da configuração da memória dos programas à mão. O fim dos instaladores que obrigam a restartar o computador. O fato de você não ter que ficar parado esperando enquanto abre um programa. Repito: é claro que há problemas a resolver no X. Não é porque gosto da coisa que vou fechar os olhos aos seus defeitos – uma velha característica dos macmaniáticos xiitas é tapar os olhos ao que é ruim e supervalorizar o que é bom para compensar. Senão, vejamos: o Mac OS clássico, em que pese sua inteligência conceitual, tinha uma série de problemas técnicos sem solução definitiva possível – só para citar os três principais: *estabilidade, estabilidade e estabilidade* – que o impediam de ser um sistema de “gente grande”. Vamos ter a honestidade de reconhecer que, principalmente por não querermos sentir o Mac em desvantagem em relação ao PC, fizemos uma tremenda vista grossa para esses problemas ao longo dos anos. Só que são exatamente *esses* os problemas que estão sendo resolvidos pela mudança naquilo que o usuário comum não vê – a parte *oculta* do sistema. Para mim, que não quero ter que “rebutar” mais minhas máquinas, a razão número um para migrar de sistema é conquistar a estabilidade que o Macintosh jamais teve de fato. E se for com um Unix, é lucro. **M**

MARIO AV www.marioav.com

Tem uma seção do seu site dedicada ao Mac OS X, com dicas, truques e curiosidades.

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.